

eLearning: do HTML às plataformas

Nuno Lavado

eLearning: a quarta geração de ensino à distância

Com o aparecimento da *Internet*, considerada a tecnologia mais importante dos nossos tempos, a *Web* emergiu como um dos meios mais económicos e democráticos de ensino e aprendizagem à distância, tornando-se rapidamente num instrumento poderoso, global, interactivo e dinâmico de partilha de informação. Jamais houve um volume tão grande de informação ao alcance de quem quer que seja, onde quer que esteja. Graças à *Internet* e aos dispositivos multimédia nunca foi tão fácil, tão rápido e tão barato chegar ao Conhecimento. Alunos de qualquer ponto do mundo usufruem do mesmo acesso às inúmeras fontes e recursos de aprendizagem disponíveis na *Web*.

Este novo conceito de ensino e aprendizagem, difundido pela primeira vez por *Elliot Masie* nos EUA, não é mais do que uma forma de aprendizagem à distância, mediada pela tecnologia *Web*, cuja filosofia tem vindo a ser designada por *eLearning*. Podemos considerar esta recente explosão de interesse como a quarta geração de educação à distância. A primeira geração foi a troca de conhecimento por correspondência em meados do séc. XIX. A segunda geração surgiu com o aparecimento da televisão e com ela o sonho de levar educação à casa de todas as pessoas, projecto então designado em Portugal por *Telescola* nos anos 70 e 80. A terceira geração emergiu nos finais dos anos 80, altura em que as Instituições de Ensino

Superior dos EUA começaram esporadicamente a oferecer cursos *on-line* numa altura em que a *Internet* dava os primeiros passos sendo uma espécie de clube restrito para pessoal universitário e militar. A quarta geração de ensino à distância é aquela que hoje vivemos.

Segundo a IDC (*International Data Corporation*), durante o ano 2000 mais de 70 milhões de pessoas receberam educação/formação através da *Internet* e em 2003 espera-se que o seu valor ronde os 11,4 mil milhões de dólares só nos EUA. Um elevado nível de crescimento, tendo em conta os 550 milhões de 1998. Na Europa, também segundo a IDC, o número de utilizadores deverá rondar os 200 milhões em 2004, resultado de um investimento aproximado de 1600 mil milhões de dólares.

Tipicamente associada ao paradigma da *Nova Economia*, esta realidade está cada vez mais ao alcance de todos: estudantes universitários, executivos ou meros autodidatas. Esta aprendizagem suportada pela *Internet* tem crescido essencialmente associada ao paradigma de aprendizagem ao longo da vida, imposta pelas exigências do próprio mercado: valorização das competências e reciclagem constante dos conhecimentos. E os ganhos para o utilizador são evidentes: actualização, acessibilidade e focalização.

Mais recentemente temos também assistido a um crescente interesse no *eLearning* por parte de instituições de formação inicial, nomeadamente

Fazer do longe perto ...
As acções de formação contínua para os Professores do Ensino Básico e Secundário através de Cursos on-line estão a ganhar cada vez mais popularidade e credibilidade a nível nacional e internacional. O Centro de Formação da APM vai realizar em 2004 a sua primeira Acção de Formação recorrendo a este novo paradigma (ver *APM informação* n.º 69).

as Instituições de Ensino Superior. No Ensino não Superior são raras as experiências de *eLearning* e os *sites* existentes contemplam essencialmente a divulgação de provas de avaliação e de textos de apoio ao estudo dos alunos. As acções de formação contínua para os Professores do Ensino Básico e Secundário em ambiente de ensino distribuído estão a ganhar cada vez mais popularidade e credibilidade a nível nacional e internacional. O Centro de Formação da APM vai realizar em 2004 a sua primeira Acção de Formação recorrendo a este novo paradigma (ver *APMinformação* n.º 69).

Plataformas de *eLearning*

Até à pouco tempo quando um membro numa instituição pretendia oferecer um curso à distância, ou simplesmente oferecer conteúdos de complemento às aulas tradicionais, ele ou ela, para além de ser perito no conteúdo a divulgar, teria ainda que ser capaz de conceber de raiz toda uma estrutura que originaria o site onde iria divulgar o seu curso.

Todo este processo, quando realizado sem ajuda de profissionais, implicava o investimento de muitas e muitas horas. Primeiro teria que passar por um processo de aprendizagem sobre o funcionamento das ferramentas de edição de páginas *web*, tarefa que já não exigindo o conhecimento de programação HTML, podia levar várias horas para os menos habituados a estas coisas dos computadores. Depois de dominadas algumas funcionalidades dessas ferramentas, havia ainda uma série de coisas a considerar. Desde opções de imagem, opções dinâmicas e toda uma série de novas opções multimédia, fóruns, *chats*, que implicam antes demais muitas horas *on-line* a aprender com o que os outros têm feito.

Desenvolver tudo isto de raiz e sem ajuda pode queimar por completo a tal ideia inovadora dos conteúdos *on-line*. Em Portugal, regra geral é este ainda o processo habitual, com os professores a título individual a desenvolverem as suas páginas de apoio à sua disci-

plina, envolvendo recursos não institucionais e diferentes tipos de tecnologias. Todo este esforço, talvez possa no futuro ser considerado como a necessária fase de iniciação. Esta fase ficará marcada pelo fraco aproveitamento das tecnologias existentes, com um produto caracterizado pela digitalização, sem tratamento prévio, das velhas sebatas, que em formato PDF são distribuídas pelos alunos nos ditos cursos *on-line*.

Cientes dos altos retornos esperados no mercado *eLearning*, várias empresas de desenvolvimento de *software* têm vindo a desenvolver *software* específico para a gestão e desenvolvimento de cursos *on-line*, ao qual tem sido atribuída a designação de plataformas de *eLearning*.

Duma maneira geral a filosofia destas aplicações é permitir aos utilizadores, professores/formadores e alunos/formandos, que com um mínimo de tempo de aprendizagem possam usufruir de tudo o que a tecnologia tem para oferecer. Assim, as instituições adquirem a plataforma que é normalizada pelos serviços de informática ou por grupos de trabalho, tendo em vista a definição da imagem que se pretende transmitir e do tipo de funcionalidades a disponibilizar. Depois os professores (só) têm que aceder à *Internet* e mediante uma *password* fazer uso do espaço que a instituição lhes oferece. Espaço esse que já vem com as tais normalizações, tendo o professor apenas que preencher os espaços em branco para implementar o seu curso *on line*. Se por um lado se perde alguma liberdade na construção das páginas, por outro ganha-se em termos de facilidade de gestão e desenvolvimento, com a grande vantagem de deixar de ser uma iniciativa individual e passando a ser uma questão de imagem de marca da instituição.

O desenvolvimento numa dessas plataformas de *eLearning* contou com a participação de Portugal e originou a designada plataforma TWT (Teaching Web Toolkit). O ambiente de trabalho desta aplicação informática para gestão de programas de ensino a dis-

tância, oferece uma série de funcionalidades necessárias ao paradigma do *eLearning*, entre as quais: Fóruns, *Mailing list* e *Chat*. Os pré-requisitos necessários para ser utilizador do TWT, são apenas, alguns conhecimentos e experiência na utilização de um computador, nomeadamente na navegação na *Internet*. A plataforma TWT foi a escolhida pelo Centro de Formação da APM para realizar a sua primeira Acção de Formação *on-line*.

O caminho da aceitação

Um percurso que é importante registar, é a caminhada realizada nos EUA rumo à aceitação e reconhecimento desta forma de ensino à distância. Inicialmente o *eLearning* era visto como educação de segunda categoria, por parte das Instituições de Ensino (IE) e dos seus membros. No entanto, para os estudantes/formandos, a conveniência e a facilidade de acesso são preocupações primárias e os programas de *eLearning* possuem ambas as características. As entidades empregadoras também procuram, no âmbito da formação contínua, cada vez mais necessária, programas de educação de qualidade que possam ser seguidos de forma conveniente pelos seus empregados. Como estudos recentes nos EUA mostraram que os programas de educação à distância são equivalentes aos tradicionais, estudantes e empregadores tomaram este facto como a evidência de que estavam a ser bem servidos, quando recorriam a cursos *on-line*. A confiança dos estudantes e das entidades empregadoras levaram a um aumento das ofertas de formação, que por sua vez atraíram a atenção dos administradores das IE, que estão constantemente à procura de novas formas de financiamento. Nalguns casos, as IE são as últimas a abraçar a ideia do *eLearning*. Consequentemente, o caminho da aceitação é frequentemente: empregador, estudante, administrador e finalmente professor.

Nuno Lavado
Instituto Superior de Engenharia de
Coimbra